

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ARIANE MÁRCIA MOTOKI

**GÊNERO E TRABALHO:
ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS DAS MULHERES
MOTORISTAS DO TRANSPORTE COLETIVO URBANO DA
CIDADE DE UBERLÂNDIA, NO DECORRER DO ANO DE
2014.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

UBERLÂNDIA

2015

GÊNERO E TRABALHO:
ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS DAS MULHERES
MOTORISTAS DO TRANSPORTE COLETIVO URBANO DA
CIDADE DE UBERLÂNDIA, NO DECORRER DO ANO DE
2014.

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia.

Banca Examinadora:

Uberlândia, Fevereiro de 2015.

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
(Orientador)

Prof.^a Ms. Denise Nunes De Sordi

Prof.^a Cinthia Cristina Oliveira Martins

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me concedido força e ânimo nos momentos de adversidades. Sou grata por todas as vitórias alcançadas.

Ao meu orientador Sérgio Paulo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao corpo docente e aos colegas de graduação do Curso de História, da Universidade Federal de Uberlândia, que contribuíram através da convivência, conhecimento e experiências de vida.

A minha filha Valentina que é minha companheira de vida, me deu força e entusiasmo nos momentos difíceis e enche meus dias de ventura. Ao meu filho Davi, ainda em meu ventre, mas que já me encoraja nas atribulações e me transborda de felicidade e amor.

Ao Adriano, meu marido, companheiro pra toda vida. Obrigada pela paciência em dias difíceis, obrigada pela paz que me transmite e por todo amor que nos move.

A minha avó Maria Floricena, minha mãe Edília, meu 'pai'drasto Reinaldo e aos meus irmãos: Berê, Igor e Vitória, por se fazerem presentes em todo momento me dando o amparo e as condições necessárias para concluir e conquistar sonhos.

Agradecida a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica.

RESUMO

A discussão à cerca da entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho, cada vez mais vem ganhando espaço não somente nos estudos feministas, mas em diversos núcleos que se empenham no estudo de temas relacionados à política e economia. Dentro desta perspectiva, a questão das mulheres que exercem a profissão de motoristas do transporte coletivo urbano, da cidade de Uberlândia, se enquadra como fator motivador do debate sobre gênero e trabalho. Contribuindo para uma análise crítica sobre questões feministas e trabalho social.

Palavras-chave: mulheres, gênero, trabalho, motoristas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPÍTULO I	8
FEMINISMO – PERSPECTIVA TEÓRICA E CRÍTICA SOCIAL	
1.1. GÊNERO E TRABALHO – CONSIDERAÇÕES SOCIAIS ACERCA DESTA RELAÇÃO.....	13
CAÍTULO II	21
AS RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES MOTORISTAS DE ÔNIBUS COLETIVO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA	
2.1. HISTÓRIA ORAL: O TRABALHO COM AS ENTREVISTAS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
FONTES	36
BIBLIOGRAFIA	37

APRESENTAÇÃO

A intenção primeira é investigar questões de gênero no âmbito social, para tanto houve o recorte, partindo de uma pesquisa apurada, através dos pressupostos da história oral, sobre o universo das mulheres motoristas do transporte coletivo da cidade de Uberlândia-MG.

As entrevistas são referências para uma percepção de como as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, partindo da análise e compreensão de um ofício, pouco relacionado às mulheres. No decorrer do estudo diversas questões foram levantadas, tais como: de que forma essas profissionais foram motivadas na escolha de tal profissão, os enfrentamentos no âmbito familiar, a questão do preconceito e a postura adotada por elas diante destes percalços.

A pesquisa busca articular valores morais com a realidade das alterações sociais, no que se refere a abordagem da compreensão do gênero, na perspectiva da construção da mulher como profissional. Buscou-se, assim, compreender meandros de sua identidade, de sua participação muito além do cenário doméstico, considerando o âmbito social, destacando sua participação no mercado de trabalho.

A proposta central é refletir sobre a fabricação das diferenças de sexualidade e gênero no que abrange a inserção da mulher numa determinada empresa através de entrevistas que possibilitem a percepção das vivências dessas mulheres, no caso as motoristas de ônibus coletivo, com os percalços existentes no ambiente de trabalho. Considerando também as conquistas de um espaço que até então era carente da presença feminina, este recorte é necessário para uma compreensão abrangente deste universo, partindo de depoimentos de quem está inserido ativamente nesta realidade.

Inicialmente a pesquisa de campo foi feita através de depoimentos e entrevistas com três profissionais da área, permitindo compreender as experiências no cotidiano de trabalho das mesmas.

A construção e estruturação da pesquisa, através da história oral e o trabalho com as entrevistas, muito além de propiciar o debate e possível reflexão acerca da discussão das relações sociais de gênero, também houve a preocupação de relacionar as questões pertinentes já apontadas por diferentes teóricos do universo

feminista com a proposta de investigar e identificar, partindo da dinâmica do processo de trabalho, onde as mulheres ocupam um espaço até pouco tempo atrás considerado exclusivamente masculino.

No Capítulo I, são apresentados estudos feministas articulados com a discussão da posição da mulher no mercado de trabalho, apresentando dados e estatísticas sobre este cenário social, onde as mulheres, em sua grande maioria se desdobram diante de uma dupla jornada de trabalho. A discussão neste capítulo propõem a articulação da inserção da mulher no mercado de trabalho com o exercício dos afazeres domésticos, apontando avanços e retrocessos existentes nessa relação.

No Capítulo II, toda a abordagem teórica apontada no capítulo anterior é posta em diálogo com a realidade das mulheres motoristas do transporte coletivo urbano de Uberlândia, através da apresentação das entrevistas, que consistem em perguntas, na tentativa do estabelecimento de uma relação e melhor entendimento com o intuito de perceber os interesses das profissionais, no que se refere a família, trabalho, as suas motivações profissionais e os enfrentamentos diários encontrados da carreira de motorista.

CAPÍTULO I

FEMINISMO: PERSPECTIVA TEÓRICA E CRÍTICA SOCIAL

Para um melhor embasamento da pesquisa é essencial recorrer as reflexões relacionadas ao movimento feminista não somente em seus primórdios, mas também as motivações feministas contemporâneas e de outro lado compreender a construção do gênero e seus significados culturais.

Não há um momento exato de uma provável fundação do feminismo ou de sua estruturação como movimento. Ocorreram frentes de luta, questionamentos acerca da construção social, problemáticas relacionadas a postura das mulheres como indivíduo social, muitas vezes ou melhor na maioria delas apartadas dos movimentos de transformações sociais, distantes do coletivo social. A filósofa Simone de Beauvoir figura como precursora da luta feminista, na década de 1940 publica “O Segundo Sexo”, indicando propostas de novas maneiras de se pautar o relacionamento social entre homens e mulheres. Ao feminismo coube uma estruturação destes interesses dialogados com as questões de gênero.

De acordo com os estudiosos dos movimentos feministas, podemos afirmar que o mesmo enquanto movimento social foi vivido em “ondas”: como todo processo de transformação social, as “ondas feministas” encontraram contradições, avanços, medos, superações que, de acordo com as forças que as produziram e as produzem, polemizam problemáticas e questionamentos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. A primeira “onda” emergiu com as francesas como Flora Tristam e Jeane Deiron, assim como outras (os) no final do século XIX, que oriundas (os) das causas socialistas do século XIX, reivindicavam a emancipação do proletariado e, conseqüentemente, a emancipação das mulheres; cujos passos foram dados como movimento liberal feminino de luta pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, visando à emancipação das mulheres enquanto cidadãs. A segunda “onda”, surgiu em meados da década de 60/70 do século XX, com Betty Friedan, Kate Millet, Juliet Mitchell, mas alicerçadas, principalmente, sobre a obra - *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. É por tal obra ter sido publicada em 1949 que a tomaremos como um marco transitório da primeira para a segunda onda do movimento feminista.¹

¹ ARAÚJO, Jair Bueno de. *A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler*. Revista Multidisciplinar da UNIESP. SABER ACADÊMICO – nº 11 – Jun. 2011/ ISSN 1980-5950, p.34.

Através das muitas leituras sobre a questão de gênero, as análises teóricas mais recentes da obra de Judith Butler – *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* – 2013, tem sido uma das mais relevantes no que se refere a reflexão sobre o caráter discursivo de gênero, muito influenciada pela obra de Michel Foucault sobre as sexualidades e conceitos de gênero. Na literatura de Butler ocorre uma transformação na clássica problemática feminista, reconhece e desconstrói a relação dual sexo/gênero em contraponto com as teorias feministas, considerando a sexualidade como aspecto biológico e reconhecendo o gênero como um artifício social que permite o estabelecimento de relações, que regula e constrói as identidades.

Na percepção de Butler o gênero é culturalmente formado o que significa dizer, que comportamentos e hábitos são determinados feminino ou masculino no contexto social, numa apropriação cultural daquilo que se percebe conveniente, ou melhor dizendo o costumeiro. As determinações relativas ao que se refere a um menino ou a uma menina, são formas de estruturar os padrões de uma sociedade.

Ao se referir a questão do gênero não se deve tratar as identidades como algo definido, estabelecido por comportamentos ou mesmo espaços sociais que determinam os cenários para homens e mulheres. É preferível se esquivar dos estereótipos, pois o universo masculino se funde com o feminino, numa equivalência social pautada na igualdade de gênero, que em muito pode ser vista como um propósito feminista, sem a tal diferenciação do feminino e masculino.

Vale ressaltar a distinção existente entre sexo e gênero, onde o primeiro figura como o biológico relacionado ao fisiológico de homens e mulheres, quando o segundo se refere a construção das identidades, o homem e a mulher ocupando, se relacionado no âmbito social, daí o feminismo também se refere a opressão das mulheres, através de uma construção histórica.

Na literatura de Butler é possível reconhecer uma de suas principais reflexões em torno desta questão de gênero, que não se resume somente às identidades femininas e masculinas, mas busca compreender a dinâmica social, o que significa dizer, como mulheres e homens devem se portar socialmente.

Diversos são os questionamentos e pressupostos relacionados as mulheres no contexto social, paradigmas que se reinventam com o passar dos anos,

preconceito, machismo e o próprio feminismo em sua busca constante por direitos iguais, onde as mulheres tem voz, e como gênero feminino, se identificam em suas próprias escolhas.

É notório que existem distinções entre mulheres e homens, viventes em contexto social compartilhado por ambos. Entretanto, se distanciam quando cada um dos sexos passa a ter um papel específico na sociedade, ou são enquadrados em padrões que destoam e acirram as diferenças no que se refere as questões de gênero.

Na literatura de Butler é possível verificar que a autora considera as mulheres como sujeitos do feminismo e destaca a necessidade de se assumir como protagonistas de sua própria história social.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como categoria das 'mulheres', o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação.²

Hipocrisia dizer que não há dificuldades em 'ser mulher', que não existem enfrentamentos diários e também históricos por ocupar um lugar social, muitas vezes vitimado por padrões históricos. São gritantes os exemplos de opressão às mulheres, a luta contra esta corrente é antiga, em pleno século XXI nos deparamos com a fragilidade de um sistema político no que se refere ao amparo e manutenção de políticas sociais, que possam amenizar conflitos diários enfrentados por diferentes mulheres em diversas partes do Brasil.

Houveram avanços, isto é evidente, à exemplo de termos uma mulher na presidência do Brasil, a primeira depois de séculos de história, eleita no ano de 2010 e reeleita no ano de 2014. A presidente Dilma se define: "*sou uma mulher dura cercada de homens meigos*."³ Esta frase da atual presidente do país, apesar de seu tom irônico, retrata a posição "endurecida" e até mesmo um tanto quanto masculinizada, adotadas por mulheres que ocupam não somente cargos públicos,

² BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.19.

³<http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/dilma-e-eleita-primeira-presidente-mulher.jhtm>. Declaração concedida por Dilma Rousseff ao site UOL sobre sua eleição no ano de 2010.

mas que pertencem a ambientes sociais, ocupados em sua maioria por homens. Por vezes tendo de se afirmarem como ‘merecedoras’ de ocupar tal posição.

Nesse contexto podemos referir a uma opressão causada pela imposição da hegemonia masculina, consequência de uma cultura patriarcal na qual o homem figura como autoridade maior, tanto na vida privada, em casa onde a mulher/esposa/companheira, assume um papel de subordinação (determinado historicamente), e também na vida pública onde o homem exerce maiores cargos e de maior destaque no mercado de trabalho.

Caracterizam-se sempre a especificidade e a integridade das práticas culturais ou linguísticas das mulheres por oposição e, portanto, nos termos de alguma outra formação cultural dominante? Existe uma região do “especificamente feminino”, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e consequentemente presumida da “mulheres”? A noção binária de masculino/ feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade.⁴

Nesse trecho Butler fornece sentido a discussão anteriormente apresentada, onde homens e mulheres se distanciam mesmo ocupando o mesmo contexto social, e por vezes exercendo as mesmas funções. Nesta perspectiva a pesquisa monográfica sobre “as motoristas do transporte coletivo de Uberlândia” se respalda nas questões feministas aqui indicadas, no que se refere as mulheres e suas múltiplas representações na sociedade, através de uma reflexão sobre suas experiências.

As mulheres são vítimas de violência doméstica, se desdobraram para se inserirem no mercado de trabalho, no entanto, ainda se percebem diferenças no que se refere à remuneração e até mesmo ao próprio reconhecimento no exercício de suas funções, quando comparadas aos homens. São mães, donas de casa, profissionais, se multiplicam e assumem várias responsabilidades, no entanto a mais relevante delas e historicamente reconhecida como tipicamente feminina, é a de provedora do lar, cumprindo o papel de esposa dedicada, por vezes submissa e dependente da figura masculina.

⁴ BUTLER, Judith P. Op. cit., p.21.

No entanto é necessário compreender a questão do gênero, através de uma reflexão sobre as articulações dos valores impostos no âmbito social. Como por exemplo quando as mulheres passam a ocupar, ainda que timidamente um universo considerado masculino e o tipo de enfrentamentos e desafios que encontram.

Algumas teóricas feministas afirmam ser o gênero “uma relação”, aliás um conjunto de relações, e não um atributo individual. Outras, na senda de Beauvoir, argumentam que somente o gênero feminino é marcado, que a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero definindo com isso, as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecendo os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo.⁵

Partindo destas reflexões, se fez necessário e oportuno investigar/pesquisar o ofício das ‘mulheres motoristas de ônibus coletivo na cidade de Uberlândia’, numa tentativa de reconhecer avanços e possíveis retrocessos no que se refere as mulheres que encontram oportunidades em espaços historicamente fechados para elas.

⁵Ibidem, p. 28.

1.1. Gênero e trabalho: considerações sociais desta relação

Ao adentrarmos no universo do mercado de trabalho, no que se refere a questões de gênero, nos deparamos com diversos termos e definições articulados dentro desta relação, tais como: divisão sexual do trabalho, informalidade, trabalho precário, dentre tantos outros relacionados a mulher e sua inserção no mercado de trabalho.

Para uma melhor compreensão deste debate, convém recorrer a história no que se refere a participação feminina nos diferentes ambientes geradores de trabalho. Os primórdios desta inserção se deu nos contextos da I e II Guerras Mundiais, com a ida dos homens (filhos e maridos) para as batalhas, as mulheres se viram diante da necessidade de assumirem o papel de responsáveis pela condução da família, responsabilidade, até então exercida exclusivamente pelos homens, que figuravam como provedores e chefes de família, sendo que o papel primordial das mulheres se restringia a condução do lar, o cuidado com os filhos e os afazeres domésticos.

Timidamente as mulheres começaram a figurar no quadro de colaboradoras em indústrias e fábricas, mesmo com a nítida diferenciação de tratamento e salários, por conta do preconceito notório que pregava a incapacidade das mulheres em exercerem funções/obrigações que tinham caráter tipicamente masculinos.

No entanto, com o findar dos conflitos muitas destas figuras masculinas não retornaram para suas casas ou para suas antigas atividades, pelo fato de terem sido mortas ou mutiladas no exercício das batalhas. Dessa forma as mulheres que já haviam assumido em parte a responsabilidade do sustento da família, tiveram de firmar tal postura diante da impossibilidade física de seus maridos, ou mesmo como complemento de renda, considerando que os conflitos também fragilizaram a economia dos países envolvidos no contexto das Guerra Mundiais.

No cenário do pós guerra as mulheres se firmaram gradativamente no mercado de trabalho, numa espécie de produção informal, devido ao fato, conforme já foi citado, a discriminação existente e persistente no que se refere a figura feminina exercendo papéis historicamente considerados de responsabilidade masculina. Grande desafio para as mulheres que muito além de se firmarem como

força produtiva, visto que o trabalho doméstico até então exercido por elas não era considerado ocupação, tinham e como será referido na pesquisa, ainda tem que afirmar diariamente a capacidade feminina no exercício de suas funções no mercado de trabalho anterior e atual.

No século XIX, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas.⁶

Para tanto, diante do aflorar desta nova possibilidade, houve a necessidade de uma adequação das leis trabalhistas, no sentido de garantir e resguardar as mulheres no que diz respeito aos seus direitos e deveres, à exemplo no Brasil com a Constituição de 1932.

Desde então, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”. Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem.⁷

A crescente participação da mulher no mercado de trabalho e sua inserção nesse contexto, estão diretamente relacionadas a expansão do cenário econômico, onde a economia mundial tem experimentado ao longo dos séculos crescentes avanços que favorecem o desenvolvimento social.

Há avanços, isso é notório, contudo existem retrocessos e demasiada estagnação no que se refere a mulher em seu exercício profissional, pesquisas feitas por órgãos nacionais no âmbito qualitativo e quantitativo, têm se empenhado em apontar a evolução das mulheres no mercado de trabalho ao longo dos anos.

O que tem se percebido, são os diversos aspectos estabelecidos através da relação “mulheres e o mercado de trabalho” em sua crescente alteração no decorrer

⁶PROBST, E. R. *A evolução da mulher no mercado de trabalho*. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf> Acesso em: 05 de jan. 2015, p. 02.

⁷ Idem, p.02 – 03.

dos tempos. Dentre estes aspectos alguns são mais recorrentes e merecem destaque em pesquisas acadêmicas, na forma de artigos que orientam novas formas de análises sobre a evolução da força de trabalho feminina, como por exemplo a questão da divisão sexual e a precarização do trabalho.

Historicamente como já foi apontado no decorrer da pesquisa, as mulheres são responsáveis pelo exercício de tarefas tipicamente domésticas. O cuidado com o lar e o zelo com os filhos, ainda hoje em diversas famílias são de responsabilidade exclusiva das mulheres. Houveram avanços que merecem ser reconhecidos, no entanto eles se deram devido a uma adequação aos novos tempos, principalmente a partir do século XX, onde as mulheres passam a assumir diferentes ofícios e responsabilidades. Podemos nos referir a tal alteração, como a inauguração da dupla jornada feminina, quando as mesmas além de permanecerem como principais responsáveis pelos afazeres domésticos, também assumem, simultaneamente diferentes cargos no mercado de trabalho.

Pesquisas feitas sobre as consequências da globalização sobre o emprego registram um crescimento mundial, com raras exceções, do emprego assalariado e do trabalho remunerado das mulheres. Observa-se uma participação crescente das mulheres no mercado de trabalho, tanto no setor formal quanto nas atividades informais, bem como um novo incremento no setor dos serviços.⁸

Podemos considerar o impacto da globalização nas crescentes transformações dos mecanismos de produção dentro do mercado de trabalho, a inserção feminina justifica a abertura de novas possibilidades de profissões a partir de novos mercados.

A pesquisa aborda a questão das mulheres motoristas de ônibus coletivo, na cidade de Uberlândia, propondo uma reflexão sobre a abrangência e abertura destas categorias de empregos que se feminizam, o que significa dizer, quando as mulheres passam a ocupar cargos e profissões considerados tipicamente masculinos.

Essa adequação contribui para a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho, não somente nas profissões tipicamente femininas

⁸ HIRATA, H. *A precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho*. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n°21, jan./jun. 2009, p. 30.

(domésticas, babás, professoras, *home care* - que atendem pessoas doentes, assim como idosos, etc.), vão garantindo espaços em diferentes áreas de atuação.

No entanto, estes avanços se dão lentamente se comparados aos entraves encontrados pelas mulheres na tentativa mínima de se firmarem no mercado de trabalho. Muitas delas se vem condicionadas ao trabalho informal, são mal remuneradas e muitas vezes ocorre uma desvalorização de suas funções no âmbito social. Por conta da dupla jornada “casa – trabalho” acabam por optar por empregos em tempo parcial, na busca por uma flexibilização do próprio tempo, mas vulneráveis e com uma mínima proteção social.

Esses fatores contribuem para precarização do trabalho, devido as desigualdades e dificuldades encontradas, assim como as péssimas condições de trabalho, baixos salários e a própria desvalorização das trabalhadoras assalariadas. É possível verificar também a diferenciação entre homens e mulheres no que se refere a atuação, valorização e qualificação de ambos no mercado de trabalho. Ainda hoje, ao analisarmos a dinâmica de uma empresa é possível identificar a presença masculina nos cargos de maior destaque e prestígio, exercendo funções de chefia.

No intuito de elucidar a discussão seguem três indicadores apontados no artigo da autora Hirata, sobre o trabalho precário:

- 1 – ausência de proteção social e de direitos sociais, inclusive de direitos sindicais: o trabalho informal nos países do Sul concerne a atividades realizadas sem proteção social (previdência social, aposentadorias), férias, etc. O mesmo ocorre com um certo número de empregos do setor de serviços nos países do Norte (trabalhadores domésticos, faxineiras, etc.);
- 2 – horas reduzidas de trabalho, que resultam em salários baixos e que levam frequentemente à precariedade; por exemplo, uma mulher que trabalhe em tempo parcial, mesmo tendo um contrato por tempo indeterminado, pode ser considerada como alguém que exerce um trabalho precário;
- 3 – níveis baixos de qualificação: ausência de qualificação formal e a consequente baixa renda levam, em inúmeros casos, à precariedade e ao desemprego.⁹

⁹ HIRATA, H. op.cit., p. 26.

Contudo é importante destacar que o trabalho precário pode ser tido como o preço a se pagar pela autonomia profissional feminina, e é no intuito de combater ou mesmo a princípio amenizar tal condição, que grupos de estudos feministas se propõem não somente a discutir em forma de pesquisas e artigos, mas visam uma conciliação de seus estudos com políticas sociais que combatam/amenizem as desigualdades e diferenças ocasionadas pela divisão sexual do trabalho.

Vale ressaltar também a divisão sexual das atividades domésticas, ou seja o trabalho feminino fora e dentro de casa, o que ocasiona uma sobrecarga diante do exercício de diferentes funções, muitas vezes desprovidas de tempo para o lazer ou mesmo o descanso entre uma jornada e outra.

A crescente inserção em atividades fora do ambiente doméstico não foi seguida de uma desobrigação das antigas funções de cuidados com o lar e os filhos. Mesmo quando as mulheres apresentam carga horária igual ou superior à de seus companheiros, os cuidados com a casa e os filhos costumam ser de responsabilidade majoritária das mulheres.¹⁰

Prevalece ainda a percepção machista de que as mulheres respondem em grande parte pelas responsabilidades domésticas, mesmo diante da crescente participação feminina no mercado de trabalho. De acordo com dados do ano de 2006, as mulheres somavam uma jornada semanal de trabalho de 49 horas, enquanto os homens somavam uma jornada semanal de trabalho de 56 horas. No entanto, as mulheres destinavam uma jornada de atividades domésticas, equivalente a 19 horas semanais, enquanto os homens destinavam 5 horas semanais. É possível considerar de acordo com os dados que apesar do fato das mulheres terem uma carga horária na jornada de trabalho, relativamente menor quando comparada com a carga horária masculina, as mesmas empenham maior tempo com afazeres domésticos, o que contribui para uma dupla jornada de trabalho.¹¹

Em contrapartida, a grande maioria feminina se dedica ao trabalho reprodutivo que são majoritariamente realizados por mulheres, no que se refere principalmente aos afazeres domésticos não remunerados, ou seja, o trabalho feito pelas donas de casa que cumprem com a tarefa de reprodução social.

¹⁰ VIDAL, R. e MUNIZ, A. *Trabalhadoras brasileiras: características socioeconômicas e ocupacionais e perfil de saúde, Brasil, 2003*. Rev. Bras. Saúde ocup., São Paulo, 34 (120): 115 – 127, 2009, p.- 115.

¹¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD-IBGE, Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 14 de novembro de 2014.

Pesquisas realizadas pelo PNAD/IBGE apontam que muito apesar do trabalho executado pelas donas de casa, como o cuidado com os filhos e as responsabilidades das tarefas domésticas (limpar, cozinhar, passar e lavar roupas, etc.) ainda assim, são consideradas como socialmente 'inativas', pelo fato de não contribuírem no que diz respeito a mão de obra remunerada, para a economia do país. E é partindo destes dados que pesquisas de cunho feminista se firmam no intuito de ressaltar a importância social do trabalho exercido pelas donas de casa.

O novo olhar feminista tem como uma das temáticas recorrentes a *invisibilidade* do trabalho da mulher, que está profundamente ligada à desqualificação do trabalho doméstico e a à inferioridade feminina. Esse é um dos temas mais antigos trazidos pelo feminismo para as ciências sociais e tem pautado a tentativa de reinterpretar os conceitos de trabalho doméstico e trabalho produtivo/improdutivo.¹²

Essas frentes de pesquisas feministas se empenham em ressaltar a participação das mulheres no contexto econômico, muito além das atividades que inferiorizam as mulheres devido a divisão sexual do trabalho desde a industrialização, onde atividades tipicamente femininas são desvalorizadas e na grande maioria das vezes, relacionadas ao trabalho familiar doméstico, que quando valorizado quantitativamente, no que se refere a remuneração, se mostrou desde o ano de 2001, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD/IBGE, como grande agregador de valor ao crescimento do produto interno bruto (PIB) do país. O que significa dizer que os afazeres domésticos considerados como parte integrante do trabalho reprodutivo, contribuem de forma expressiva para o desenvolvimento econômico do Brasil.

As mulheres que declaram realizar algum tipo de afazer doméstico são mais numerosas, representam uma maior parcela da força de trabalho e dedicam em média bem mais horas do que os homens a esse tipo de trabalho, independentemente do nível de instrução, da posição na ocupação, do grupo ocupacional e do setor produtivo no qual estão inseridas. As mulheres dedicam, em média, entre duas e três vezes o tempo dedicado pelos homens às tarefas domésticas, essa diferença sendo mais elevada quando homens e mulheres saem do mercado de trabalho. Em suma, os afazeres domésticos são pesadamente uma incumbência feminina.¹³

¹² PEREIRA, H. E CASTILHO, M. *Trabalho reprodutivo no Brasil: Quem faz?* R. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr.2009, p.-138.

¹³ Ibidem, p. 154

As mulheres cada vez mais no intuito de se firmarem socialmente, usufruindo de seus direitos políticos, tem assumido responsabilidades diversas, muitas das vezes tendo de provar suas capacidades, por conta de um universo banhado por distinções e desigualdades nas relações entre os sexos.

As oportunidades são mínimas quando comparadas com o universo masculino, no que diz respeito as diferentes possibilidades de trabalho, no entanto um novo ânimo surge ainda no século XX de forma mais eminente, devido ao crescimento da inserção feminina no mercado de trabalho. As mulheres tem figurado em diferentes cargos e até mesmo se equiparando em funções historicamente masculinas.

O debate acerca das questões de gênero tem contribuído de forma significativa para a compreensão destas novas análises relacionadas ao contexto do mercado de trabalho. As mulheres tem se aprimorado, tem ocupado massivamente as universidades, a conclusão do ensino superior tem se mostrado como necessidade. Se tornaram socialmente competitivas, em busca de êxito no exercício de suas funções, tem ocupado cargos de chefias em diferentes empresas, assim como é crescente a participação feminina nos cargos públicos.

Tais aspectos podem ser considerados avanços significativos, ainda que quando comparados de forma global, possam figurar como mínimos devido à uma estagnação histórica que privou as mulheres de se empenharem em diferentes áreas sociais, destinando à elas somente as responsabilidades com os afazeres do lar, como mães e esposas.

Quando anteriormente foi discutida a questão da dupla jornada de trabalho, em muito se deve aos resquícios desta estagnação, porque ainda hoje as mulheres carregam essa herança doméstica, e é natural e aceitável que isso aconteça devido ao perdurar de tais aspectos por séculos de história, tanto que por diversas vezes podem se culpabilizar pelo simples fato de não conseguirem conciliar as diferentes funções assumidas, como por exemplo o cuidado com os filhos, a partir de um sentimento de ausência no que diz respeito ao processo de educação dos mesmos.

É possível dizer que a divisão do trabalho começa nas famílias como uma prática social. De forma significativa as mulheres através de sua crescente inserção no mercado de trabalho, vem apontando estas diferenciações relacionadas ao

gênero, permitindo reflexões acerca da relação das mulheres com o mercado de trabalho. E o intuito maior e talvez o principal foco das pesquisas feministas, é a possibilidade de uma crescente estruturação de políticas sociais que apontem soluções para romper com as desigualdades sociais partindo da perspectiva de gênero.

CAPÍTULO II

AS RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES MOTORISTAS DE ÔNIBUS COLETIVO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

No intuito de concretizar e estruturar as perspectivas sobre trabalho e gênero, surgiu o interesse de compreender o universo das trabalhadoras do transporte coletivo de Uberlândia, inserindo as reflexões e leituras sobre a temática da pesquisa, em busca de uma análise sobre a rotina de trabalho e os enfrentamentos diários das mulheres motoristas do transporte coletivo.

Dentre as diversas possibilidades de análises que a pesquisa em História permite, houve a recorrência à História Oral, através da realização de entrevistas, com o objetivo de compreender a realidade social das entrevistadas tais como experiências diárias das motoristas e os seus relatos referentes a relação família-trabalho, contribuindo para um enriquecimento do estudo, no que se refere as questões de gênero e o trabalho social, considerando as mulheres motoristas como força de trabalho ativa.

A cidade de Uberlândia está localizada na região do triângulo mineiro, no estado de Minas Gerais. Segundo dados do IBGE – 2014 a população aproximada é de 604.013 habitantes, Uberlândia é considerada uma cidade relativamente grande, com ampla abertura para o seu desenvolvimento econômico, com boas e significativas oportunidades no mercado de trabalho local.¹⁴

No que se refere ao transporte coletivo urbano, Uberlândia utiliza-se do Sistema Integrado de Transporte (SIT) que unifica o transporte através dos cinco terminais existentes na cidade, o preço da passagem é único, permitindo que o usuário transite entre os bairros, centro e terminais, sem a necessidade de pagar mais de uma passagem.

As linhas do SIT operam dentro do esquema Tronco - Alimentador: as linhas alimentadoras correspondem aos trajetos dos bairro próximos aos terminais. Os ônibus que fazem esses trajetos têm a função de alimentar o sistema de transporte, ou seja, eles transportam os

¹⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 14 de novembro de 2014.

usuários, mediante pagamento, até o terminal mais próximo. O usuário, estando no interior do terminal de bairro, terá como uma das opções, se o seu destino for o centro da cidade, as linhas troncais, que correspondem às linhas de avenidas de tráfego mais rápido e que ligam os terminais de bairro ao terminal central.¹⁵

Atualmente existem três empresas responsáveis pela frota de transporte público da cidade de Uberlândia sendo elas: Cidade Sorriso de Minas, Autotrans, São Miguel de Resende LTDA, que dividem espaço no que se refere ao atendimento aos usuários do transporte coletivo. Para compreender a estruturação desse sistema é necessário verificar os pressupostos de cada empresa.

A 'Viação Cidade Sorriso de Minas' presta serviços à cidade de Uberlândia a cerca de cinco anos, oriunda do estado do Paraná, detém uma frota com idade média inferior a quatro anos de utilização, com 100% de acessibilidade, conforme dados da própria empresa, tem uma gestão pautada no desenvolvimento de seus colaboradores, com a intenção primeira de proporcionar conforto e agilidade para os usuários do transporte coletivo da cidade.

Recorrendo a dados da empresa 'Autotrans' a proposta de trabalho e intenções são bem semelhantes tanto com a 'Cidade Sorriso' quanto a empresa 'São Miguel de Resende LTDA'. As três empresas reconhecem sua permanência e estrutura como algo favorável para a cidade de Uberlândia.¹⁶

No entanto, a abordagem da pesquisa não se resume ao histórico e intenções das empresas em questão, o aspecto motivador é perceber e identificar nesse ambiente de trabalho, tendo as empresas como cenário, as relações entre trabalho e gênero, de acordo com o que tem sido abordado no decorrer da pesquisa. O principal agente de afirmação destas propostas de eficácia e eficiência das empresas, muito além da parte estrutural da empresa, é o corpo de funcionários, seja na área administrativa, como também cobradores e motoristas.

É neste aspecto que a pesquisa vai se debruçar, no sentido de compreender o universo dos responsáveis pela função de guiar a frota, no caso as motoristas, mulheres que compartilham o espaço do trânsito com uma maioria masculina, um

¹⁵ SILVA. J. F., 1981 – “*Estamos transportando vida!*”: trajetórias e experiências do transporte coletivo urbano de Uberlândia. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2007, p. 13.

¹⁶ Dados extraídos de sites das empresas: <http://www.sorrisodeminas.com.br/>, <http://www.autotransnet.com.br/>. Acesso em: 12 de novembro de 2014.

universo no mercado de trabalho, dentre tantos outros, em que a entrada e permanência feminina no exercício de funções historicamente consideradas como masculinas, ainda é tímido mas é possível reconhecer seus avanços.

Analisando a realidade uberlandense como usuário do transporte público, o cidadão percebe em poucos momentos a presença de mulheres ao volante dos ônibus coletivos da cidade, isto se dá devido ao fato das motoristas representarem minoria em relação ao total de funcionários das empresas que respondem pelo transporte.

A entrada em grande escala das mulheres no campo de trabalho traz duas linhas de questionamentos básicos. No decorrer das transformações sociais que levaram as mulheres ao campo de trabalho assalariado foram criadas profissões específicas a elas, ou seja, foram desenvolvidas ocupações que detêm uma porcentagem maior de mulheres e, por vezes, são estereotipadas como femininas. Exemplos, desse caso, podemos visualizar em profissões, em primeira vista, não regulamentadas como bordadeiras, costureiras, babás etc., profissões que se apresentam como continuidade da vida doméstica, e que em alguns momentos assumem um caráter de mão de obra industrial como as tecedeiras. Essa é a primeira hipótese que pode ser gerada desse questionamento preliminar. Por outro lado, transformações sociais aliadas a mudanças no sistema produtivo levaram a construção de novos espaços, e ambos, homens e mulheres, passaram a ocupar setores de trabalho antes exclusivos ao mundo masculino.¹⁷

Nessa perspectiva, foram entrevistadas três mulheres que exercem a profissão de motoristas do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia. É interessante ressaltar que cada uma das profissionais representam uma das três empresas, conforme já foi citado anteriormente, responsáveis pela execução dos serviços de transporte urbano, administrado pela Secretaria de Trânsito e Transportes da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

O fato das entrevistadas representarem empresas distintas em muito contribuiu para a pesquisa, pelo fato de apresentar as diferenças e as semelhanças no que diz respeito a execução de suas funções. Através da análise e comparação das entrevistas, foi possível construir uma teia interpretativa que facilitou e enriqueceu a perspectiva histórica dentro da relação gênero-trabalho.

¹⁷ CHIES. P.V. *Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho*. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010, p. 507.

2.1. História oral: o trabalho com as entrevistas

As entrevistas foram formuladas através de questionários previamente enviados para as empresas, para uma avaliação e consequente aprovação inicial. A rotina de trabalho das entrevistadas foi analisada através do acompanhamento dos itinerários feitos no percurso terminal-ponto final. Foram poucos os momentos de conversa devido à execução do trabalho das motoristas, no intuito de evitar possíveis distrações. No entanto houve o registro em forma de gravações, e este contato foi primordial para estruturar vários aspectos das entrevistas presentes no questionários, como acréscimo e principal fonte de dados para a construção da pesquisa.

Como já foi apontado anteriormente, foram entrevistadas três mulheres que exercem a função de motoristas do transporte coletivo urbano na cidade de Uberlândia, conforme foi solicitado por elas, em forma de preservação de suas identidades, serão referidas no decorrer da pesquisa como: Motorista 1, Motorista 2 e Motorista 3.

Através das entrevistas foi possível viabilizar o estudo tanto dos aspectos referentes ao ambiente de trabalho das motoristas, quanto das relações estabelecidas no que se refere ao âmbito familiar, como esposas, filhas, mães, etc. O desafio consiste em articular os aspectos de suas profissões com as responsabilidades oriundas do ambiente doméstico, possibilitando uma interpretação ampla de suas motivações e os desafios diários diante de suas duplas jornadas de trabalho.

As três motoristas também exercem o papel de 'mães', donas de casa e esposas, figuram socialmente como mulheres ativas, mas em diversos momentos é possível verificar aspectos de subordinação, tanto no exercício de sua profissão, quanto no convívio doméstico, especialmente no que se refere à relação com o marido. A figura masculina se destaca muito ainda por conta desta carga histórica de 'provedores' e por essa identidade do homem como chefe de família, mesmo que ainda, como foi verificado através das entrevistas, as mulheres figuram tão ativas quanto os homens no que diz respeito ao sustento e manutenção da família.

Entretanto, a mulher nos padrões de identidade feminina definidos pela estrutura social brasileira – filha, mãe, dona de casa – assume papéis de subordinação: na casa dos pais é subordinada ao pai e depois do casamento é subordinada ao marido. Quando trabalhadora assalariada, acumula duas jornadas de trabalho – em casa e no emprego, além disso, recebe um salário menor ao do homem para a realização das mesmas tarefas. Homens e mulheres podem ser subordinados no campo econômico pela exploração de sua força de trabalho, no entanto, a mulher é subordinada nas duas dimensões, tanto no ‘sistema de exploração’ como no ‘sistema de dominação’.¹⁸

A intenção da pesquisa é compreender os aspectos desta construção histórica e as consequências no âmbito social. As entrevistas dão forma a este cenário permitindo um melhor entendimento, a partir do diálogo com mulheres, que assim como tantas outras, demonstram a possibilidade de uma equidade entre os gêneros, onde mulheres e homens são capazes de exercerem as mesmas funções socialmente.

A ‘Motorista3’ durante nossa conversa relatou o que sente no que diz respeito a sua relação com seus colegas de trabalho, em sua maioria homens:

Por ser mulher eu me sinto minoria na empresa, percebo em muitos momentos diferenciação de tratamento da parte dos homens. Eu sei da minha capacidade como profissional, me preparei como eles e acho que até mais porque a cabeça tem que aguentar muito preconceito, não só dos colegas de trabalho, mas por parte da população também, porque sempre tem alguém que entra no ônibus e quando me vê, no caso quando vê uma mulher no volante já olham meio torto. No começo é mais difícil, mas agora eu me acostumei, ignoro. Na minha profissão os homens se acham melhores sim, é como se nós mulheres tivéssemos que provar pra eles que somos capazes.¹⁹

A postura da ‘Motorista 3’ é totalmente compreensível porque se assemelha ao relato das outras duas colegas de profissão, de acordo com a ‘Motorista 2’:

A empresa oferece as mesmas oportunidades tanto para os homens, como para nós mulheres, só basta querer se qualificar. Mas eu percebo muito preconceito e tenho que fazer sempre o melhor para mostrar que sou uma ótima profissional.²⁰

¹⁸ CHIES. P.V. op. cit., p.510.

¹⁹ Entrevista realizada com a ‘Motorista 3’ do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 12/11/2014.

²⁰ Entrevista realizada com a ‘Motorista 2’ do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 10/11/2014.

Quando questionada sobre como se sente ao exercer uma profissão tipicamente considerada masculina, a 'Motorista 1' relatou o seguinte:

Meu pai é motorista aposentado, meu marido e meu filho são motoristas, acredito que conviver com essa profissão me deixou mais preparada são dois anos de experiência. Já trabalhei anteriormente como vendedora e cobradora de ônibus, mas na profissão de motorista me identifico mais. Na família e no ambiente de trabalho não sinto tanto o preconceito por ser mulher, acho o preconceito mais forte por parte dos usuários do transporte público, já teve o caso de uma senhora solicitar a parada do ônibus e não entrar porque disse que era o ônibus errado, eu sei que não era esse o motivo, até porque só existia aquela linha para o ponto em que ela estava, ela não entrou porque viu que era uma motorista mulher. Não fiquei triste, nem nada. Ruim pra ela que teve de esperar mais 20 minutos (risos). Já me acostumei com esse tipo de situação.²¹

O que se percebe é uma certa tranquilidade no que se refere ao trato com o preconceito que as três motoristas tem de enfrentar diariamente, em suas diferentes manifestações. Elas se mostraram conscientes e preparadas para os enfrentamentos encontrados em suas profissões. Visam crescer na empresa através da participação em cursos e palestras oferecidos no próprio ambiente de trabalho. Lidam com as adversidades com bom humor, muito apesar de uma rotina de trabalho exaustiva.

Vale ressaltar características pessoais de cada uma das entrevistadas em forma de apresentação, no intuito de contribuir para um melhor entendimento de suas condições sociais:

'Motorista 1': tem 44 anos de idade, segundo grau completo, casada, mãe de dois filhos, 2 anos de profissão, trabalhou anteriormente como vendedora e cobradora de ônibus.

'Motorista 2': tem 35 anos de idade, segundo grau completo, solteira, no entanto, mora com um companheiro, pai de seus dois filhos, tem 5 anos de profissão e trabalhou anteriormente como monitora de vendas.

'Motorista 3': tem 40 anos de idade, segundo grau completo, casada, mãe de 6 filhos, 15 anos de profissão, trabalhou anteriormente como cozinheira, trabalhadora rural e serviços gerais.

²¹ Entrevista realizada com a 'Motorista 1' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 06/11/2014.

Conforme apresentação percebe-se que as entrevistadas fazem parte da maioria das mulheres que exercem papel ativo na vida doméstica, de acordo com as pesquisas apontadas no capítulo anterior. Participam ativamente da educação dos filhos e são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos. De certo modo as motoristas entrevistadas são a confirmação de que as mulheres, de forma mais presente, a partir do século XX, acumulam diferentes responsabilidades e tarefas, assumindo um papel primordial na sociedade, muitas vezes deixando de lado os antigos estereótipos até então relacionados a figura feminina, tais como:

As noções de cuidado, às quais a autora se refere, indicam uma diferenciação que implica o fato de que as mulheres ‘cuidam de’ e os homens têm ‘cuidado com’. Os homens se preocupam com o dinheiro, carreira, ideias e progresso, enquanto as mulheres cuidam de suas famílias, vizinhos, amigos, etc. Não somente os homens se preocupam com aspectos mais valorizados na sociedade e as mulheres com coisas de menor importância, mas o ‘cuidar de’ subordina as mulheres à vida privada, aos cuidados das crianças e do idoso adoentado.²²

É por conta da permanência destes estereótipos que em muitas das vezes as mulheres se sentem na obrigação de executar com eficiência essa dupla jornada de trabalho (trabalho doméstico – profissão), gerando um profundo desgaste devido ao acúmulo de tarefas.

Nos questionários foi abordado este aspecto e as entrevistadas relataram a forma como lidam com esta questão. A ‘Motorista 1’ afirmou que se sente sobrecarregada e em contrapartida expõe a necessidade financeira que a condiciona a se desdobrar em suas atividades:

Tem um desgaste sim, principalmente que este mês estou na ‘jornada especial’, são 12 horas de trabalho para 36 de folga. Chego em casa esgotada, é uma profissão estressante. Encontro meu marido e meu filho, as vezes só a noite, quase de madrugada, porque na maioria das vezes nossos horários de trabalho não coincidem. A gente trabalha pra ter as coisas, casa, carro, etc., sem falar nas contas, que são muitas. E além disso sou eu quem cuido da casa, meu marido e meus filhos me ajudam no que podem, mas sou a maior responsável mesmo. O trabalho de casa não me cansa muito, é a rotina no ônibus que me sobrecarrega. Só que já são dois anos, sempre trabalhei fora, é difícil ficar parada.²³

²² CHIES. P.V. op. cit., p.513.

²³ Entrevista realizada com a ‘Motorista 1’ do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 06/11/2014.

Conforme já foi apresentado anteriormente, o filho e o marido da 'Motorista 1', também são motoristas do transporte urbano coletivo e ela demonstra claramente, seus desafios pessoais, tais como lidar com o cansaço e a dupla jornada.

A 'Motorista 2' demonstrou uma postura semelhante ao relatar sua rotina:

Trabalho 7 horas por dia, tem as pausas no ponto final, mas é só pra ir ao banheiro, fazer um lanche, não dá pra dizer que a gente descansa, tem a escala de folga, mas já aconteceu de me ligarem na minha folga, pra eu poder cobrir a falta de um motorista. Tenho os benefícios, convênio, auxílio família...vem tudo certinho no pagamento, mas tem muita coisa pra melhorar ainda, já entrei de greve junto com os demais funcionários, mas a gente vê pouca coisa acontecer. Meu salário é maior que o do meu companheiro, ele é pintor, às vezes tem serviço pra ele e às vezes não, a renda fixa é a minha. Ele não me ajuda em casa, e eu já cansei de pedir, às vezes lava uma louça, mas é bem difícil. Quem me ajuda muito é minha filha, tem que ser assim, né? Mas em compensação ele não dá palpite em nada em casa, é do meu jeito, de vez em quando a gente discute, mas tudo se resolve.²⁴

A postura da 'Motorista 3' se difere em partes das outras colegas de profissão:

Sinceramente, depois de 15 anos de profissão, acho que 'tô' meio calejada, sabe? A rotina é cansativa, tem muita pressão, teve época de precisar trabalhar direto, sem folga, hoje em dia trabalho às 7 horas incluindo o descanso que a gente tem, que antigamente não tinha, na folga eu trabalho em casa, meus filhos me ajudam, mas uma vez por semana tem uma moça (diarista) que vai lá em casa e ajuda com o serviço pesado. Meu marido me ajuda muito, é ele que cuida da cozinha, faz comida melhor que eu. Não tenho muito do que reclamar, cheguei num ponto onde já 'tô' pensando na aposentadoria (risos).²⁵

As trabalhadoras além de se assemelharem no que se refere ao exercício da dupla jornada, a lida diária com o trabalho no transporte coletivo urbano, somada com os cuidados com a casa, marido e filhos, também se aproximaram quando apontaram as características da própria jornada de trabalho, no que diz respeito à carga horária. Foi possível perceber uma certa insatisfação com o tempo para descanso e até mesmo as alterações na quantidade de horas trabalhadas das motoristas.

²⁴ Entrevista realizada com a 'Motorista 2' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 10/11/2014.

²⁵ Entrevista realizada com a 'Motorista 3' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 12/11/2014.

Quanto aos afazeres domésticos foi possível identificar uma certa conformidade em assumir as responsabilidades do lar, como ofícios naturais das mulheres, no entanto há uma percepção por parte das entrevistadas da necessidade de auxílio por parte dos outros membros da família, mesmo que em alguns casos tal necessidade não seja atendida prontamente. Mas é sabido que essa postura é decorrente dos estereótipos que envolvem a figura feminina.

O fato de assumirem um papel profissional totalmente relacionado ao universo masculino as diferem das demais no contexto social, no entanto os anseios que as movem podem ser considerados semelhantes aos da maioria feminina, à exemplo o casamento, a maternidade, a preocupação com a criação dos filhos, a manutenção da casa e a aquisição de bens casa, carro, etc., o trabalho se justifica pela estabilidade financeira, a junção das rendas da mulher e do homem contribuem para a manutenção da família e o sustento da mesma.

Sair do aluguel é um alívio e isso só foi possível com o meu salário e o do meu marido juntos, se fosse só ele trabalhando estaríamos passando apertado.²⁶

Na minha família é comum a mulher ter um trabalho, uma profissão, hoje em dia não dá pra ser 'dona de casa' o tempo todo. É preciso ser independente, ter minhas coisas e poder dar o que meus filhos precisam.²⁷

Lá em casa é tudo dividido, eu e meu marido somamos as contas e pagamos juntos. Tudo que fazemos é para os nossos filhos, nossa família.²⁸

É notório as preocupações em comum entre as entrevistadas, o trabalho exercido pelas motoristas é uma necessidade para a manutenção do sustento da família, mas não deixa de figurar em suas reflexões como um avanço dentro dos parâmetros sociais que vigoraram por séculos, a inserção e permanência da mulher no mercado de trabalho é uma necessidade social.

²⁶ Entrevista realizada com a 'Motorista 1' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 06/11/2014.

²⁷ Entrevista realizada com a 'Motorista 2' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 10/11/2014.

²⁸ Entrevista realizada com a 'Motorista 3' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 12/11/2014.

Outro fator de grande importância dentro da pesquisa é retomar os apontamentos feitos por elas sobre a insatisfação com a carga horária, e o cansaço diante do trabalho considerado por elas em alguns momentos como excessivo.

Como profissionais do transporte público coletivo, as entrevistadas tem o amparo do sindicato, nesse caso o SINTTRURB, Sindicato dos Trabalhadores no Transporte Coletivo Urbano de Passageiros de Uberlândia, a única forma de contato com o sindicato para elucidar algumas questões, tais como as principais motivações para greve, as reivindicações dos trabalhadores, no que se refere às mulheres motoristas, identificar se há políticas direcionadas para elas, dentre outras, forma obtidas através do conteúdo de apresentação exposto no site do SINTTRURB:

O SINDICATO DOS TRABALHADORES NO TRANSPORTE COLETIVO URBANO DE PASSAGEIROS DE UBERLÂNDIA – SINTTRURB, com sede em Uberlândia, Minas Gerais, é constituído de conformidade com o estabelecido na legislação vigente, atendendo ainda às seguintes finalidades:

- a) Representar legalmente a categoria profissional dos Trabalhadores em Empresas de Transporte Coletivo Urbano de Passageiros
- b) Gerar melhorias nas condições pessoal e profissional de seus representados, coordenando-os, orientando-os, dirigindo-os e protegendo-os, à base de estudos sobre suas necessidades, interesses e reivindicações, sejam elas econômicas, profissionais e sociais;
- c) Prestar colaboração ao Estado e Município no estudo e solução dos problemas que se relacionem com a categoria representada e às condições sociais do trabalhador;
- d) Criar Intercâmbio com as demais associações de classe, visando à solidariedade social.²⁹

Analisando estes pressupostos, temos uma noção geral dos interesses do sindicato, quanto à sua atuação em prol dos funcionários do transporte público coletivo. Diante da carência de informações, através das entrevistas foi possível identificar a visão das motoristas à cerca da postura do sindicato:

²⁹ Disponível em: <https://sintrurb.wordpress.com/> Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

Acredito que minha classe se sente amparada pelo sindicato, não somente quando entramos em greve, mas nos aspectos do dia a dia, sabemos dos nossos direitos e cumprimos os deveres.³⁰

Não tem um tratamento diferenciado pelo fato de ser mulher, são todos companheiros. Claro que tem atritos, uns querem de um jeito e os outros não concordam. Eu mesma, muitas vezes bati de frente com muita gente, ainda mais quando estamos em greve. Mas é tudo de igual pra igual, sou mulher, mas exerço meu trabalho de motorista como eles.³¹

Essa noção de coletividade se deve, conforme relato das motoristas, ao sentido de classe que os funcionários mantêm, muito apesar das divergências, elas se consideram unidas na busca pelo atendimento dos seus direitos por parte das empresas que as empregam. Reconhecem que há muito que se fazer, é um ambiente sempre exposto a alterações, sempre necessitando de atenção por parte do sindicato, que tem como tarefa administrar e garantir os interesses por parte dos trabalhadores.

As motoristas demonstraram que em grande parte estes interesses são atendidos pelo sindicato, porém os maiores entraves se encontram na postura das empresas, que em muitos aspectos relacionados aos requisitos feitos por parte das trabalhadoras através do sindicato, relutam em atender alegando ferir o trabalho da administração, como, por exemplo, a questão da estruturação da carga horária, melhores condições de trabalho e reajuste salarial, reivindicações antigas dos trabalhadores.

Em conversa com um profissional da área administrativa de uma das empresas responsáveis pela prestação de serviço de transporte, da cidade de Uberlândia, ouvi que o intuito primeiro da empresa é o bem estar dos trabalhadores para uma prestação de serviço de qualidade para a comunidade. As adversidades são discutidas em reuniões para que assim todos tenham suas reivindicações atendidas.

³⁰ Entrevista realizada com a 'Motorista 1' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 06/11/2014.

³¹ Entrevista realizada com a 'Motorista 3' do transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 12/11/2014.

Quando questionado sobre o tratamento destinado às mulheres motoristas da empresa em questão, relatou:

Não há diferenças, temos duas motoristas em nossa empresa e elas se prepararam da mesma forma que os demais motoristas, passaram pelo mesmo processo seletivo, se relacionam bem e são cobradas e reconhecidas da mesma forma que os motoristas, de forma geral. Acredito que por serem mulheres, a gente percebe um cuidado maior, sabemos da rotina cansativa que nossos motoristas tem no dia a dia, mas as mulheres se destacam às vezes em relação aos homens, pela demonstração de paciência diante da correria no trabalho.³²

As entrevistas permitiram um melhor entendimento dos aspectos que envolvem a participação efetiva das mulheres no mercado de trabalho, a partir da análise da rotina das trabalhadoras do transporte coletivo, as questões debatidas no Capítulo I, através da apresentação de discussões presentes em diferentes artigos relacionados ao debate à cerca de gênero-trabalho, ganharam forma através dos depoimentos e relatos de experiências particulares dessas mulheres/trabalhadoras.

³² Entrevista realizada com funcionário do setor administrativo de uma das empresas responsáveis pelo transporte coletivo urbano da cidade de Uberlândia, no dia 03/12/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da perspectiva de abordagem proposta na pesquisa, que é a de apontar e aprofundar as discussões à cerca dos aspectos oriundos da relação gênero e trabalho, foi possível compreender os diferentes rumos presentes nessa relação. Todo empenho em articular leituras e percepções teóricas contribuiu em grande parte, para um melhor desdobramento da pesquisa, não se restringindo apenas à discussão sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, mas apontando o itinerário social percorrido pelas mulheres nessa conjuntura.

Os estudos feministas apresentados no Capítulo I, permitiram construir uma teia interpretativa, considerando dados estatísticos articulados com apontamentos de diferentes autores, sobre os aspectos que envolvem a mulher e sua inserção social, considerando diferentes fatores, onde os mesmos foram aplicados às análises e reflexões sobre as experiências das mulheres motoristas, não somente no mercado de trabalho, mas considerando a vida doméstica.

No decorrer da construção do primeiro capítulo me foram apresentados através das leituras, diversos fatores que instigam um aprofundamento da pesquisa histórica, tais como: em que condições e que de forma ocorre a permanência da mulher no mercado de trabalho, como desconstruir os estereótipos que cercam a figura feminina no exercício de suas funções, e a questão da dupla jornada feminina.

Sobre a dupla jornada de trabalho das mulheres, houve um interesse de aprofundar os estudos, considerando pesquisas anteriores relacionados à temática, numa proposta de extensão da discussão do tema apresentado nesta pesquisa monográfica. A pesquisa sobre as motoristas do transporte coletivo de Uberlândia, figura como um recorte dentro das diferentes abordagens sobre a questão de gênero e trabalho.

A intenção do aprofundamento desta discussão, em pesquisas posteriores, se justifica pela necessidade de compreender de que forma o exercício da dupla jornada feminina, impacta na construção/desconstrução de valores existentes na sociedade, tendo a cidade de Uberlândia como pano de fundo para tal investigação histórica.

Conforme apresentei na Monografia, as mulheres motoristas se desdobram em diferentes funções, responsabilidades com o trabalho na empresa que as

empregam, o enfrentamento diário com o preconceito e estranhamento oriundo dos usuários do transporte coletivo, a rotina como esposas, mães e a ocupação com os afazeres domésticos. Diante de todos estes fatores, é notório que ocorrem impactos no meio social, me refiro às alterações no próprio contexto da sociedade, como por exemplo, mulheres ativas no mercado de trabalho em muito contribuem e acrescentam na movimentação da economia.

Em contrapartida as mulheres que se empenham com os afazeres domésticos, como donas de casa, empregadas domésticas, etc., também movem e contribuem para a manutenção de uma estrutura (social, política e econômica) dinâmica. O que significa dizer que a motivação para o aprofundamento em futuras pesquisas relacionadas à questão gênero e trabalho, consistiria em compreender de que forma a dupla jornada feminina se manifesta na configuração do contexto social.

O fato de ter adentrado, em forma de pesquisa e entrevistas, no universo de trabalho e experiências das motoristas de Uberlândia, possibilitará um melhor entendimento das questões sociais que cercam a dupla jornada de trabalho feminina, considerando a abertura do mercado de trabalho da cidade de Uberlândia, para as mulheres no exercício de diferentes funções.

No Capítulo II, a pesquisa se firmou em seu objetivo principal, verificar através de entrevistas, as motivações e enfrentamentos diários, encontrados pelas motoristas de transporte coletivo da cidade de Uberlândia. No entanto, a minha proposta de estudo se mostrava limitada ao ambiente de trabalho, o que significava explorar a relação das entrevistadas com os demais funcionários da empresa, a participação no movimento sindical, a percepção das mesmas sobre a postura da sociedade no que se refere ao preconceito, ao machismo, indagar qual o impacto destes aspectos na vivência profissional.

A princípio bastava reconhecer e tratar das questões de gênero, partindo de uma profissão com a minoria feminina, e como já foi descrito anteriormente, com uma carga de cobrança e exigências sociais, que vão muito além de outras profissões executadas por mulheres. Contudo, no decorrer da pesquisa, com a estruturação das entrevistas, fui exposta à uma nova possibilidade de olhar histórico, que se voltava para uma outra realidade destas mulheres, o ambiente familiar.

E foi neste momento de acréscimo e melhoramento da pesquisa, explorando a participação das entrevistadas no ambiente familiar, que surgiu a necessidade de um aprofundamento da pesquisa histórica, no que se refere a dupla jornada de

trabalho feminina, onde as três entrevistadas apresentaram sua vivência no trabalho, exercendo a profissão de motoristas, em paralelo com as responsabilidades oriundas da família, o cuidado com os filhos, marido e com as tarefas domésticas.

Por se tratar um universo em sua maioria masculina, no pouco de abertura que lhes cabem, as motoristas conquistaram e mantêm seu espaço no âmbito profissional, se aprimoram na busca de crescimento e reconhecimento por parte das empresas que as empregam e pelos usuários do transporte coletivo urbano, que usufruem de seu trabalho. Um dos grandes desafios encontrados por elas, conforme foi apontado nas entrevistas, se resume em romper com o estranhamento e até mesmo o preconceito social, que ainda vigora, como foi apresentado nos depoimentos.

Através da História Oral, houve um evidente enriquecimento da pesquisa, foi possível aplicar a teoria oriunda de diferentes análises, sendo um mecanismo de pesquisa efetivo para o estabelecimento do diálogo com as profissionais, possibilitando a compreensão dos diversos desafios enfrentados por elas.

FONTES

I – Narrativas Orais

Motorista 1: 44 anos de idade, segundo grau completo, casada, mãe de dois filhos, 2 anos de profissão, trabalhou anteriormente como vendedora e cobradora de ônibus.

Motorista 2: 35 anos de idade, segundo grau completo, solteira, no entanto, mora com um companheiro, pai de seus dois filhos, tem 5 anos de profissão e trabalhou anteriormente como monitora de vendas.

Motorista 3: 40 anos de idade, segundo grau completo, casada, mãe de 6 filhos, 15 anos de profissão, trabalhou anteriormente como cozinheira, trabalhadora rural e serviços gerais.

II – Periódicos

Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia/MG. De 2012 a 2014.

III – Sites

<http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/31/dilma-e-eleita-primeira-presidente-mulher.jhtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<https://sintrurb.wordpress.com/>

<http://www.sorrisodeminas.com.br/>

<http://www.autotransnet.com.br/>

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 44).

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. "Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler". **Cadernos Pagu** [online], v.28, p. 129-147, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2014.

ARAÚJO, Jair Bueno de. **A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler**. Revista Multidisciplinar da UNIESP. SABER ACADÊMICO – n° 11 – Jun. 2011/ ISSN 1980-5950.

BEAUVOIR. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida, 2ª ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, vol. 2, 1980.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – 5º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CHIES. P.V. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.

HIRATA, H. **A precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n°21, jan./jun. 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista – Petrópolis, RJ: Vozes 1997.

PEREIRA, H. E CASTILHO, M. **Trabalho reprodutivo no Brasil: Quem faz?** R. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr.2009.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf> Acesso em: 05 de jan. 2015.

SILVA. J. F., 1981 – “**Estamos transportando vida!**”: trajetórias e experiências do transporte coletivo urbano de Uberlândia. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

VIDAL, R. e MUNIZ, A. **Trabalhadoras brasileiras: características socioeconômicas e ocupacionais e perfil de saúde, Brasil, 2003.** Rev. Bras. Saúde ocup., São Paulo, 34 (120): 115 – 127, 2009.